Programa de estréia de A Serpente, apresentada no Teatro do BNH, Rio de Janeiro, em 6 de março de 1980.

ELLO PRODUÇÕES ARTÍSTICAS apresenta

A Serpente

Peça em ato único de Nelson Rodrigues

Distribuição por ordem de entrada

Décio .... *Carlos Gregório*
Lígia .... *Xuxa Lopes*
Guida .... *Sura Berditchevsky*
Paulo .... *Cláudio Marzo*
Crioula .... *Yuruah*

Direção geral e cenografia: *Marcos Flaksman*
Figurinos: *Marília Carneiro*

Personagens

Décio
Lígia
Guida
Paulo
Crioula

(É a separação. Décio está fechando a mala. Fecha, levanta-se e vira-se para Lígia, a mulher, que olha com maligna curiosidade.)

DÉCIO — Pronto.

LÍGIA — Você não vai falar com papai?

DÉCIO — Pra que falar com teu pai? Não falei com a principal interessada, que é você? Perde as ilusões sobre teu pai. Teu pai é uma múmia, com todos os achaques das múmias.

LÍGIA — Então por que você não desaparece? Pode deixar que eu mesma falo. Como é suja a nossa conversa.

DÉCIO — Não me provoque, Lígia!

LÍGIA — Acho gozadíssima sua insolência. Não se esqueça que nós estamos casados há um ano e que você.

DÉCIO — Pára!

LÍGIA — Me procurou só três vezes. Ou não é?

DÉCIO — Continua e espera o resto.

LÍGIA — Três vezes você tentou o ato, o famoso ato. Sem conseguir, ou minto?

(Décio avança para a mulher. Segura Lígia pelo pulso.)

DÉCIO — Cala essa boca.

LÍGIA (*com esgar de choro*) — Não, não!

DÉCIO — Você não me conhece! Quietinha! Você me viu chorando a minha impotência. Mas eu sou também o homem que mata. Queres morrer? Agora?

(Décio a esbofeteia.)

LÍGIA (*com voz estrangulada*) — Não!

DÉCIO — Olha para mim, anda, olha!

(Pausa. Lígia olha.)

DÉCIO — Diz agora que és puta. Diz, que eu quero ouvir.

LÍGIA (*lenta*) — Sou uma prostituta.

DÉCIO (*trincando as palavras*) — Eu não disse prostituta. Eu quero puta.

LÍGIA (*soluçando*) — Vou dizer. Sou uma puta.

(Décio a solta.)

DÉCIO — Agora olha para mim e presta atenção. Se você fizer um comentário sobre a nossa intimidade sexual, seja com quem for. Teu pai, essa cretina da Guida, uma amiga, ou coisa que o valha, venho aqui e te dou seis tiros. E quando estiveres no chão, morta, ainda te piso a cara e ninguém reconhecerá a cara que eu pisei.

(Décio a esbofeteia. Lígia cai de joelhos com um fundo soluço. Décio apanha a mala.)

DÉCIO (*num gesto largo*) — Vai-te pra puta que te pariu!

(Décio sai. Logo, entra Guida, irmã de Lígia.)

GUIDA — O que é que está havendo nesta casa?

LÍGIA — Ah, Guida! Você chegou no pior momento. Nunca houve um momento tão errado!

GUIDA — Não fala assim. Olha para mim, Lígia. Você e Décio brigaram?

LÍGIA — O que você acha?

GUIDA — Não acho nada. Parece que está todo mundo louco nesta casa. Cheguei da missa quando Décio ia saindo. Não falou comigo, aquele imbecil. Cumprimentei, e nem bola. Você me recebe como nem sei o quê. Afinal, o que houve?

LÍGIA — Nos separamos.

GUIDA — Quem?

LÍGIA — Ora, quem! Guida, quer me fazer um favor? Vá para o seu quarto. Depois conversaremos.

GUIDA — Você e Décio? E tão de repente? Não acredito que vocês tenham se separado. Você teria me falado antes. Outro dia, eu disse a Paulo: — "Lígia não me esconde nada." Mas escuta. Papai sabe?

LÍGIA — Sabe como? Nem desconfia.

GUIDA — E o amor?

LÍGIA — Que amor?

GUIDA — O amor de vocês. Nunca, até este dia, você se queixou do seu casamento. Até agora, você não disse uma palavra contra o Décio.

LÍGIA — Um canalha.

GUIDA — Só hoje você descobriu que é um canalha?

LÍGIA — Você fala do nosso amor. Quero que saiba o seguinte. Décio disse, antes de ir embora, que papai é uma múmia, com todos os achaques das múmias. (*Violenta*) E, então, eu descobri tudo. Papai é a múmia. Por isso ele podia achar que eu e Décio éramos felicíssimos. Mas você, que não é múmia, você tinha obrigação de enxergar a verdade, Guida!

GUIDA — Mas criatura, nós moramos no mesmo apartamento. Uma parede separa as tuas intimidades e as minhas.

LÍGIA — Por isso mesmo. Ouve-se no meu quarto tudo o que acontece no teu. Chega a ser indecente. Ouço os teus gemidos e os de Paulo. Mas você nunca ouviu os meus. Simplesmente porque no meu quarto não há isso. Esse mistério nunca te impressionou?

GUIDA — Mas Paulo, que também não é múmia, acha você felicíssima.

LÍGIA — Se parecíamos felizes, é porque somos dois cínicos.

GUIDA — Não acredito.

LÍGIA — Está me chamando de mentirosa?

GUIDA — Lígia, vamos fazer o seguinte. Você quer que eu fale com teu marido?

LÍGIA (*chocadíssima*) — O quê?

GUIDA — Ou que Paulo fale?

LÍGIA — Você acha que eu devo fazer as pazes com um canalha? Você sabe quando o nosso casamento acabou?

GUIDA — Não chora.

LÍGIA (*chorando*) — Na primeira noite em que dormimos na mesma cama. Quando ele disse para mim: — "Vamos dormir", eu me senti perdida.

GUIDA — Você quer dizer que Décio não é homem?

LÍGIA — Para as outras, talvez. Para mim, nunca.

GUIDA — Tão másculo!

LÍGIA — Você sabe, a olho nu, quando o homem é másculo?

GUIDA — E, agora, o que é que você vai fazer?

LÍGIA — Nada.

GUIDA — Não é resposta.

LÍGIA — Então, me diga: — o que é que vou fazer? (*Novo tom*) Eu sei o que vou fazer. Mas é uma coisa que só eu sei.

GUIDA — Segredo. E eu não posso saber?

LÍGIA — Não pode saber.

GUIDA — Quer dizer que você não acredita mais em mim?

(Lígia baixa a cabeça. Pausa. Fala.)

LÍGIA — Acredito mais do que nunca.

GUIDA — Quero saber tudo o que houve entre você e seu marido.

(Lígia vem à boca de cena. Fala para a platéia como o tenor na ária.)

LÍGIA (*aos gritos*) — Ele me esbofeteou. Torcia meu braço e com a mão livre me batia na cara. Eu guardei a minha virgindade para o bem-amado. E o tempo passando, e eu cada vez mais virgem. Hoje, ele falou, rindo: — "Diz que és uma puta". Respondi: — "Sou uma prostituta". Berrou: — "Puta!" E eu disse: — "Sou uma puta!" Basta!

(Lígia cai de joelhos. Guida vai fazer sua ária.)

GUIDA — Você foi sempre tudo para mim. Um dia, eu te disse: — "Vamos morrer juntas?" E você respondeu: — "Quero morrer contigo". Saímos para morrer. De repente eu disse: — "Vamos esperar ainda". E eu preferia que todos morressem. Meu pai, minha mãe, menos você. E se você morresse, eu também morreria. Mas tive medo, quando você se apaixonou e quando eu me apaixonei.

(Lígia levanta-se. Guida recua.)

GUIDA (*arquejante*) — Você não pode ficar sozinha.

LÍGIA — Já estou sozinha.

GUIDA — E eu?

LÍGIA — Você tem seu marido. Seu marido é tudo para você. Eu não sou tudo para você. Ou sou?

GUIDA — Meu marido é tudo para mim. Você é tudo para mim.

LÍGIA — Escuta.

GUIDA — Você sabe.

LÍGIA — Agora me deixa falar. Sabe o que eu vou fazer? É tão fácil, tão simples morrer. Tomei horror da vida. Guida, eu não fui feita para viver.

GUIDA — Se você se matar. Você está pensando em morrer?

LÍGIA — Talvez.

* sou a mulher mais feliz do mundo.

Guida — Moramos num décimo segundo andar. Se você se atirar, eu me atiro.

Lígia — Jura?

Guida — Juro.

Lígia — Mentirosa. Deixando teu marido, não. Teu marido é muito mais importante do que a morte. Ou você pensa que não sei, não vejo, não escuto?

Guida — Deixa eu te dizer uma coisa.

Lígia (*violenta*) — Quem fala sou eu. Você se lembra do nosso casamento? Na mesma igreja, na mesma hora, no mesmo dia, mesmo padre. Quando te olhei na igreja, senti que a feliz eras tu. E senti que amavas mais do que eu, e que eras mais amada do que eu.

Guida — Mas escuta! Escuta!

Lígia — É esta a verdade. Você saiu da igreja com essa felicidade nojenta.

Guida (*atônita*) — Você está me odiando?

Lígia (*selvagem*) — Quantas vezes, você me disse: — "Eu sou a mulher mais feliz do mundo". Só você podia ser a mulher mais feliz do mundo. Eu, não.

Guida — Mas eu não tive nenhuma intenção de. Lígia você me conhece e sabe. Eu só quero te ajudar, Lígia.

Lígia — Você só me daria a vida, a morte, no dia em que eu pedisse para morrer contigo? Ou foi você que pediu para morrer comigo?

Guida — Lígia, deixa eu te dizer uma palavra?

Lígia — Fica com tua felicidade e me deixa morrer.

Guida — Quer me ouvir?

Lígia — Como você é hipócrita!

Guida (*chorando*) — Lígia, nunca duas irmãs se amaram tanto.

(Lígia corre para a janela.)

Guida — Não, Lígia! Volta!

Lígia — Não dê um passo que eu me atiro. (*Elevando a voz*) Você está pensando: — "Essa fracassada não se mata". Você se julga a mulher mais feliz do mundo e a mim a mais infeliz. Tão infeliz, que tive de me deflorar com um lápis. Quantas vezes, te vi entrando no quarto com teu marido.

Guida (*veemente*) — Não precisa contar o que eu faço com o meu marido.

Lígia — Sai do meu quarto, anda! Ou fazes questão de me ver me atirando daqui? Queres ver, é isso?

Guida — Lígia, faça o que você quiser, mas escuta um minuto. Você quer ser feliz como eu, quer? Por uma noite? Olhe para mim, Lígia. Quer ser feliz por uma noite?

Lígia — Você não sabe o que diz.

Guida — Te dou uma noite, minha noite. E você nunca mais, nunca mais terá vontade de morrer.

Lígia — É impossível que. Fale claro. O que é que você está querendo dizer?

Guida — É o que você está pensando, sim.

Lígia (*atônita*) — Paulo?

Guida — Paulo.

(Lígia sai da janela. Vem conversar com Guida.)

Lígia — Olha pra mim. Você está me oferecendo uma noite com Paulo? Sexo, como você mesma faz com ele? Por uma noite eu seria mulher de Paulo? É isso?

Guida — É isso.

Lígia — Mas nunca houve entre nós nada que. Como uma noite, se ele não me olhou, não me sorriu, não reteve a minha mão? E, de repente, acontece tudo entre nós? E ele quer, sem amor, quer?

Guida — O homem deseja sem amor, a mulher deseja sem amar.

(Luz sobre o quarto de Paulo. Lígia entra.)

LÍGIA — Estou aqui.

PAULO — Vem.

LÍGIA — Paulo. Vim só dizer que não vamos fazer nada. É uma loucura. Você não acha que é uma loucura?

PAULO — Talvez.

LÍGIA — Fazer isso com o cunhado. Pior que o irmão é o cunhado. Concorda?

PAULO — Quero te dizer uma coisa. Quando Guida falou comigo, eu comecei a me sentir um canalha. Como é boa minha mulher, como é doce e tão amiga, e tão irmã.

LÍGIA — Por isso mesmo, porque Guida é assim, eu.

PAULO — Eu estou aqui, você está aqui. Esquece Guida.

LÍGIA — Desculpe.

PAULO — E que mais?

LÍGIA — Posso ir?

PAULO — Menos do que nunca.

LÍGIA — Não brinque, Paulo.

PAULO — Mas um beijo, você dá?

(Lígia recua diante dele.)

LÍGIA — Não abuse de mim.

PAULO — E o beijo?

LÍGIA — Mas só o beijo.

PAULO — Só o beijo.

(Lígia o beija na face. Paulo a segura.)

PAULO — Agora o meu.

(Ela é dominada e beijada com desesperado amor. Lígia esperneia.)

LÍGIA *(rouca)* — Não faça isso. Você me mata.

(Lígia está falando. Paulo fecha-lhe a boca com o seu beijo.)

LÍGIA *(com voz estrangulada)* — Não, não!

PAULO — Quieta!

LÍGIA — Você mordeu minha língua.

PAULO — Deixa eu te fazer uma coisa.

(Paulo introduz a língua na orelha da cunhada.)

LÍGIA — Língua no meu ouvido, não. Olha que eu grito. Não, Paulo, Guida está ouvindo!

(Lígia solta gargalhadas superagudas. Paulo derruba a cunhada na cama. Imobiliza-lhe o rosto.)

PAULO — Olha. Vou te fazer uma coisa.

LÍGIA — Aquilo, não deixo! É um incesto!

PAULO — Escuta aqui. Fica quieta, que Guida está ouvindo. Não diz nada.

(Paulo vira-se, curva-se sobre Lígia e fica virado para os pés da cunhada.)

LÍGIA *(arquejante)* — Não quero, não quero. Não falo mais com você. Não faz assim, meu amor.

(Luz sobre Guida na cama de Lígia. Guida revira-se na cama. Grito de Lígia. Guida levanta-se. Em pé, de braços abertos, Guida esfrega-se nas paredes. Grito de Lígia. Guida cai de joelhos. Tem seu orgasmo. Guida está de quatro, rodando e gemendo grosso. Luz apaga e acende, como se fosse a passagem do tempo.)

LÍGIA — Você era a última pessoa que eu podia ver neste momento.

GUIDA — E é só isso que você tem para me dizer?

LÍGIA — Depois conversamos.

GUIDA — Por que não agora?

LÍGIA — Entenda, Guida. Agora eu não estou em condições. Estou incapaz de ligar as palavras numa frase.

GUIDA — Quer dizer que você não tem nada para me dizer?

LÍGIA — Nada.

(Guida quer afastar-se, mas a outra a segura.)

LÍGIA — Perdão.

GUIDA (*sardônica*) — Vai falar?

LÍGIA — Tenho tanto, tanto para te dizer.

GUIDA — Eu, se pudesse, não entraria mais no meu quarto.

LÍGIA — Você é tão melhor do que eu. E Paulo tão melhor do que nós duas.

GUIDA (*ironizando*) — Melhor do que eu?

LÍGIA — Eu disse que era melhor do que você? Ou você quer ser melhor do que ele? Não, Guida. Ninguém é melhor do que você. Nenhuma irmã faria isso por outra irmã.

(Lígia vem à boca de cena. Guida baixa a cabeça como se não visse nem ouvisse nada que a irmã vai gritar.)

LÍGIA — Quando entrei no quarto, foi como se Guida me levasse pela mão. E o meu medo era o incesto. O cunhado é assim como um irmão. E foi como se Guida me despisse. E, então, ele veio acariciar a minha nudez. Só você me entregaria ao seu amor.

(Volta Lígia para Guida. Apanha e beija a mão da irmã.)

GUIDA — Lígia.

LÍGIA — Não me pergunte nada.

GUIDA — Novamente com vergonha de mim?

LÍGIA — Eu me ajoelhei e pedi a Paulo para não te contar tudo.

GUIDA — Contar o quê?

LÍGIA — Ele pode contar tudo, menos uma coisa.

GUIDA — A mim, ele conta tudo.

LÍGIA — Essa coisa, não.

(Paulo vem à boca de cena.)

PAULO (*gritando*) — Eu perguntei à Guida: — E se você se arrepender, e se Lígia se arrepender; e se eu (*batendo no peito*), se eu me arrepender?

GUIDA — Agora, responde: — você se arrependeu?

LÍGIA (*ressentida*) — Sim!

GUIDA — Sua mentirosa.

LÍGIA (*em súbita euforia*) — Quer saber, quer? Sou mentirosa, sim. O que eu senti foi tudo — a vida e a morte. Agora posso viver e posso morrer.

(Lígia abraça-se à irmã. Deixa-se escorregar ao longo do seu corpo e beija-lhe os pés. Luz no quarto de Paulo. Entra Guida.)

PAULO — Ah, querida!

GUIDA — Eu queria te pedir que.

PAULO — Fala.

GUIDA — Te pedir que nunca a gente falasse nisso. Jura.

PAULO — Juro.

GUIDA — Não jure tão depressa!

PAULO — Está bem. Juro!

GUIDA — Não brinque.

PAULO — Já vi uma coisa.

GUIDA — O quê?

PAULO — Você está triste.

GUIDA (*desesperada*) — Não, Paulo, não. Você é que mudou.

PAULO — Você se arrependeu?

GUIDA — Juro, Paulo! Apenas não quero falar nunca mais no que houve.

PAULO — Vem cá.

(Guida se deita ao seu lado.)

GUIDA — Preciso dormir.

PAULO — Eu também.

GUIDA (*bruscamente*) — Ah, Paulo, eu não grito como Lígia!

PAULO — Meu anjo, ela entrou aqui virgem.

GUIDA (*enfurecida*) — Lígia disse que se deflorou com um lápis!

PAULO — Deixa, esquece. Nesse caso, o lápis foi tão impotente quanto o marido.

GUIDA — Você não precisava dizer isso. É de uma intimidade repugnante. Deixa eu ver uma coisa.

PAULO — Por que você se atormenta?

GUIDA — Deixa eu te beijar. (*Pausa; experimenta o gosto*). Tua boca está com gosto de sexo.

PAULO — Estou fingindo que não entendo. Mas vem cá. Eu também tenho as minhas curiosidades. Quero saber se você se arrependeu ou não?

GUIDA — Não sei. Ainda não sei. Eu te digo mais tarde. Ou antes, te digo já. Não me arrependi.

PAULO — Guida, vou te dizer uma coisa. Nunca, nenhum homem foi tão sincero como eu neste momento. Não se arrependa jamais do que você fez por sua irmã. Pode se arrepender de tudo. Tudo o que você fez na vida. Não do que, por tua causa, nós fizemos.

(Paulo vem à boca de cena.)

PAULO — Quando Guida chegou e disse que Lígia estava a um milímetro da morte. Então, Guida contou que tivera uma idéia, uma idéia para salvar a irmã. Achei a coisa tão monstruosamente linda. Por tudo que há de mais sagrado,

tive vontade de explodir em soluços. Nunca vi, na minha vida, nada mais terno, mais amigo e de um amor mais brutal. Eu pensei: — "Sou um canalha diante da minha mulher".

(Volta para Guida.)

GUIDA — Eu precisava tanto ouvir isso. Agora estou compreendendo. Você fala e eu começo a achar que sou melhor do que sou, mais amorosa do que sou. E por isso você me conquista e eu vou morrer conquistada por ti.

PAULO — Meu bem, você é que não sabe nada de si mesma.

GUIDA — Paulo, olha. Eu sou uma mulher sem bondade. Quando Lígia saiu do quarto, eu pensei, vê só: — ele está cansado de toda uma noite. E, então, eu vou lá, vou provocá-lo, querendo ser tão amada como Lígia. Eu pensei isso. É o que estou pensando agora.

PAULO — Mas isso é a maldade mais doce da terra.

GUIDA — Lígia vai morrer.

PAULO — Deita aqui. Mas quem vai morrer?

GUIDA — Lígia.

PAULO — Ninguém vai morrer, meu coração. Não fala em morte. Esquece Lígia.

GUIDA (*violenta*) — Esqueço, se ela te esquecer, e se tu a esqueceres. Se ela não te olhar. Não quero um bom-dia entre você e Lígia. Quando você estiver fora, ela estará aqui e comigo.

PAULO — Mas não fala em morte.

GUIDA (*gritando*) — Quer dizer que é isso? Você não quer a morte de Lígia. Ela não pode morrer, eu posso.

PAULO — Você quer mesmo a morte de Lígia?

GUIDA (*começa a chorar*) — Se eu quisesse a morte de Lígia, teria feito o que fiz? (*Muda de tom*). Mas ela não pense que vai se encontrar com você fora daqui!

PAULO — Só eu sei que você é uma santa.

(Décio num quarto com a Crioula das ventas triunfais.)

DÉCIO — Tu me achas homem?

CRIOULA — Nunca vi um cara tão home.

DÉCIO (*cada vez mais sórdido*) — Quando você estava lá em casa, vê lá se minha mulher podia imaginar que a gente ia trepar, hem?

CRIOULA — Me diz: — a tua mulher tem um rabo de quem toma. Como é? Toma?

DÉCIO (*às gargalhadas*) — Você manja, hem, negra safada?

CRIOULA — Mas tu encarava mesmo aquele rabo?

DÉCIO — Ou duvidas?

CRIOULA — Quer dizer que as ricas é como nós?

DÉCIO — Piores.

CRIOULA — Tua mulher é uma suja, uma indecente.

DÉCIO — Xinga a minha mulher, xinga!

CRIOULA — Galinha!

DÉCIO (*enfurecido*) — Mais!

CRIOULA — Metia-lhe a mão naquela cara. Ih! A hora?

DÉCIO — Seis!

CRIOULA — Já? Tenho que ir, filho! Agora quando vai ser?

DÉCIO — Te aviso. Não, não. Vem sexta-feira.

CRIOULA — Um beijão.

(Sai a Crioula. Décio vem para o meio do palco. Começa a berrar como um possesso.)

DÉCIO — Até o dia do meu casamento eu não tinha sido homem com mulher nenhuma. Aquele senador disse na Tribuna: — "Eu me casei virgem". Ouçam, ouçam todos. Eu não conhecia nem o prazer solitário. Na véspera do meu casamento. Ouçam! Ouçam! Um psicanalista me disse: — "Se não pode copular por vias normais, use a via anal". Eu,

então, expliquei: — "Mas eu vou me casar amanhã". E lhe disse mais: — "Fui um menino e um adolescente sem o prazer solitário". E o cara me respondeu: — "Tudo isso para mim é perfumaria". Pois eu me casei e começou a nossa noite. Os dois, na cama, lado a lado. De repente, digo à minha mulher: — "Vamos dormir". "O sexo de minha mulher é uma orquídea deitada". A partir de então, todas as noites, eu esperava. Até que, um dia, vi a nova lavadeira. Os peitos, a barriga, as nádegas e as ventas triunfais. Pela primeira vez, tive um desejo fulminante. Em dois minutos, resolvi o caso. Falei à crioula: — "Toma essa nota, sai daqui, telefona para mim e não precisa mais trabalhar". Nesse mesmo dia, tudo aconteceu como um milagre. Ouçam, ouçam! Eu sou outro. Dei, dei nessa crioula, quatro sem tirar.

(Décio numa esquina com a Crioula das ventas triunfais. Os dois debaixo de um guarda-chuva.)

DÉCIO — Tu me achas macho de verdade?

CRIOULA — Nunca vi home tão macho.

DÉCIO — Hoje, é no 602. Sim, sexto andar.

CRIOULA — Trouxe um presente.

(Luz adiante. Na roda de luz, dentro da qual aparecem Décio e a Crioula.)

DÉCIO — Qual é o presente?

CRIOULA — Adivinha.

DÉCIO — Outro dia foi pipoca.

CRIOULA — Errou.

DÉCIO — Então, diz.

CRIOULA — Olha.

(Ela mostra duas calcinhas.)

DÉCIO — Me dá.

CRIOULA — Não!

DÉCIO — Mas que piada é essa?

CRIOULA — Duas calcinhas.

DÉCIO — Dá isso aqui.

CRIOULA — Vou dar, vou dar. Não manjou que uma calcinha é de tua mulher, a outra calcinha é de tua cunhada?

DÉCIO — Mas que idéia genial.

CRIOULA — Eu também tenho o intelectual desenvolvido.

DÉCIO — Me dá. Mas estão lavadas?

(Décio apanha as duas calcinhas.)

CRIOULA — Antes de lavar, eu roubei as duas.

(Passa um sujeito que se volta para olhar Décio com as calcinhas penduradas nas mãos.)

CRIOULA — Nunca viu calcinha de mulher, ó palhaço?

DÉCIO — Qual é a de Guida?

CRIOULA — Como é que eu vou adivinhar?

(Décio tem um princípio de angústia.)

DÉCIO — Se você não adivinha, sou eu que vou adivinhar? Duas mulheres que cheiram bem, dá nisso.

(Quarto de Lígia. Entra Décio como um assaltante.)

DÉCIO (*contido*) — Ainda me conhece?

LÍGIA — O que é que você veio fazer aqui?

DÉCIO — Primeiro, vim pedir desculpas.

LÍGIA — Cínico!

DÉCIO — Quer dizer que não aceita as minhas desculpas?

LÍGIA — O que é que você veio fazer aqui?

DÉCIO — Não adivinha?

LÍGIA — Saia do meu quarto.

DÉCIO (*falsamente doce*) — Eu saio, eu saio. Mas vamos conversar sem briga. Lígia, eu não menti quando te pedi desculpas, perdão, o diabo. Te peço perdão pelo que disse e fiz quando saí de casa. Fala comigo. Ou, então, me escuta.

LÍGIA — Você sai ou não sai?

DÉCIO — Lígia, eu já pedi perdão, Lígia. O que fiz com você foi uma indignidade, reconheço. Eu estava bêbado.

LÍGIA — Mentira! Não estava bêbado, coisa nenhuma!

DÉCIO — Eu menti. Mas escuta: — você é que me põe louco. Olha aqui. Eu falo e você escuta. Só. Depois, saio, vou-me embora. Sim? (*Pausa*) Lígia, você sempre me disse: — "Eu sou virgem".

LÍGIA — Como tudo isso é nojento.

DÉCIO — E, no dia seguinte, dizia outra vez: — "Continuo virgem". E eu não podia fazer nada.

LÍGIA — Ou você pensa que foi para continuar virgem que me casei? Você é um canalha.

DÉCIO (*baixo, mas violento*) — Não me trate assim. Agora eu não mereço. Lígia, eu quero completar. Estou aqui por causa de sua virgindade. Agora eu posso, Lígia, agora eu posso. Você vai deixar de ser virgem, hoje, agora. Graças a mim.

LÍGIA — Desde quando você deflora alguém?

DÉCIO — Você vai ver o que é homem.

LÍGIA — Canalha!

DÉCIO — Cala essa boca! Eu não sou mais canalha! Canalha é você.

(Décio aproxima-se da cama. Lígia pula para o outro lado.)

LÍGIA — Eu agora tenho um motivo, um motivo para não ser tocada por você. Se me tocar. Quer o escândalo?

(*Décio vai por cima da cama para junto de Lígia. Puxa a mulher. Ficam colados.*)

DÉCIO — Houve o milagre.

LÍGIA — Você pensa que vai me violentar?

DÉCIO — Você está dominada.

LÍGIA (*gritando*) — Eu chamo Paulo!

DÉCIO — Quebro a cara dele, a tua, da tua irmã. Mulher idiota, escuta: — foste testemunha da minha impotência. Agora sou outro. Você conheceu um Décio que não existe mais. Com a mulher que arranjei, eu dei quatro sem tirar.

(*Paulo grita de fora do quarto.*)

PAULO — Lígia!

(*Décio tapa com a mão a boca de Lígia. Paulo e Guida entram de roldão. Décio solta a mulher. Lígia se lança nos braços de Paulo, aos soluços.*)

LÍGIA — Ele quis me violentar!

PAULO — Saia!

DÉCIO — Saia você do meu quarto!

LÍGIA — O quarto é só meu!

GUIDA — Pelo amor de Deus!

DÉCIO — Eu só quero saber quem é o marido: — eu ou ele.

PAULO — Você é um reles ex-marido!

DÉCIO — Vou sair. Mas não se esqueça, Lígia. Eu voltarei. Eu sou outro, Lígia.

PAULO — Se vier, como veio hoje, eu o mato! Eu o mato!

(*Sai Décio.*)

LÍGIA — Queria me violentar.

GUIDA (*gritando*) — Mas violentar como? Você não disse que vocês nunca foram mulher e homem, por culpa dele?

PAULO — Pelo amor de Deus, não vamos conversar nesse tom!

GUIDA — Aliás, como é estranho ver o marido querendo matar por causa da cunhada e, Paulo, quero falar com Lígia no tom que eu escolher.

PAULO — Eu te espero, no quarto.

(*Sai Paulo.*)

LÍGIA — Você me acusa de quê?

GUIDA — Posso ter todos os defeitos, mas não sou cega!

LÍGIA — Não é cega e daí? Você quer dizer o quê?

GUIDA — Eu tenho medo de mim mesma, medo do meu marido. Eu posso perder tudo, mas não meu marido. Você entende ou finge que não entende?

LÍGIA — Mas, finalmente, você quer de mim o quê?

GUIDA — Te dou tudo, tudo, menos o meu marido.

LÍGIA — E quem pediu o teu marido? Fica com ele. (*Feroz*) Não é teu?

GUIDA — A mim, você não engana. Você não disse tudo.

LÍGIA — Te direi tudo. Tens um marido que te faz feliz, e segundo você própria, a mais feliz das mulheres. Eu tenho um marido que me destruiu. Não sou mais nada. E põe na tua cabeça, criatura, que eu não fiz nada. Só fiz o que você mandou. Foi você que disse: — "Vai". Eu ia morrer e seria tão fácil morrer. Mas você, você me salvou e disse: — "Te dou uma noite do meu marido". Eu tive esta noite. Só. E queres me tirar esta noite? Agora é tarde. Tudo já aconteceu.

GUIDA — Acabaste?

LÍGIA — Acabei. Mas não quero ouvir mais nada de você.

GUIDA — Pois ouve ainda. Você não pode pensar, ou olhar, ou tocar no meu marido. Ou sorrir. A gente não sorri para

todo mundo. Você não pode sorrir para meu marido. Escuta, Lígia. Você não me conhece. Paulo não me conhece, eu própria não me conhecia. Eu me conheço agora. Se você quiser mais do que a noite que já teve, eu mato você. Ou, então, mato o único homem que amei. (*Com ar de louca*) Paulo dormindo e morrendo.

LÍGIA (*batendo os pés como uma bruxa*) — Chega, sua bruxa! Eu não agüento mais!

GUIDA — Eu disse a meu marido: — vocês não vão se encontrar lá fora. Quando sair, você fica. Ficaremos sozinhas. Ouviu?

LÍGIA — Ouvi.

(Paulo e Guida no quarto.)

GUIDA — Paulo, Paulo! o que é que há com você?

PAULO — Comigo? (*Com certo desespero*). Guida, não há nada comigo!

GUIDA — Estou achando você tão estranho, tão desconhecido.

PAULO — Eu não fiz nada, ou fiz?

GUIDA — Faz uma semana que Lígia esteve aqui. Vocês estiveram aqui. Uma semana e você me fez uma carícia distraída. Você não me procurou mais.

PAULO — Não te procurei mais como?

GUIDA — Não seja cínico, Paulo.

PAULO — Você nunca me falou assim.

GUIDA — Paulo, você não me procurou mais, sexualmente. Entendeu, agora?

(Paulo quer puxá-la.)

PAULO — Meu amor.

GUIDA (*reagindo*) — Assim não quero. Olha para mim. Vamos conversar. No dia em que falamos sobre Lígia, você se

convenceu depressa demais. Como se fosse a coisa mais natural do mundo.

PAULO — Meu amor, você me disse que era a vida ou a morte de sua irmã.

(Guida grita.)

GUIDA — Não vamos falar desse assunto. Eu quero que você não se esqueça que sou a mulher amada todos os dias. E, de repente, você passa uma semana, toda uma semana, Paulo.

PAULO — Então, vem.

GUIDA — Que conversa é essa de *então vem*? Você me chama porque eu reclamei? Não quero seu amor, pronto.

PAULO — Guida, nenhum homem, no mundo, desejou tanto uma mulher, como eu te desejo. Naquela vez, queimando em febre, com 40 graus, eu fiz amor contigo.

GUIDA — Querido, agora eu quero. Eu sei que você me ama, como eu te amo. Não vou vigiar mais, nem você, nem Lígia. Ela pode sair quantas vezes quiser. Eu só quero é acreditar em você.

(Encontro no exterior. Paulo e Lígia.)

LÍGIA — Ah, Paulo!

PAULO — Vamos sentar, ali.

LÍGIA — Estou assustadíssima.

PAULO — Agora, você é que me assusta.

LÍGIA — Bobagem minha. (*Muda de tom.*) É a Guida, quem pode ser?

PAULO — Mas ela não mudou contigo?

LÍGIA — Por isso mesmo. Há muito tempo, não é tão doce comigo. Me pediu perdão.

PAULO — Então, meu bem, ótimo.

LÍGIA — Paulo, o que é que ela esconde? Sorria para mim e

tinha um olhar de ódio. O que é que essa mulher quer de mim?

PAULO — Não chame sua irmã de mulher.

LÍGIA — Te juro, Guida é capaz de tudo, capaz de me matar, Paulo.

PAULO — Calma, meu bem.

LÍGIA — Está certo. De vez em quando, eu me assusto. Por falar nisso, você sabe o que achei lindo, outro dia? Foi quando você disse que matava Décio. Por minha causa. E eu, Paulo, que me lancei nos teus braços. Você pensa que Guida perdoou ou esqueceu?

PAULO — Meu bem, foi um detalhe.

LÍGIA — Agora me diz. Responde, e a gente muda de assunto. Se Guida quisesse me matar, você a mataria antes?

PAULO — Isso é uma hipótese tão cruel!

LÍGIA — Parece incrível que precisei esperar dez dias para falar contigo, para te olhar. Hoje, vou te olhar muito. Vou segurar a tua mão. Você está gelado, meu bem. Mãos frias!

PAULO (*segurando a mão de Lígia*) — Você também está gelada. Em mim, é uma febre.

(Lígia apanha e beija a mão do cunhado.)

LÍGIA — E se Guida estiver por aqui, escondida, vendo a gente. E se aparecer de repente? Perdão, meu bem. É interessante. Beijo tua mão. Tão inocente beijar a mão. Me encontro contigo, como se fosse tua amante e você nunca me disse que gosta de mim. Só naquela noite é que você me chamou de meu amor, meu amorzinho. Mas você não sabia o que estava dizendo. Se fosse outra, você diria o mesmo. Nessa hora, o homem diz tudo, a mulher diz tudo.

PAULO — Eu estava louco!

LÍGIA — Hoje, foi tua mulher que me disse: — "Vai, vai — insistiu —, vai passear". Queria que a gente se encontrasse.

PAULO (*na sua angústia*) — Você precisa sair lá de casa, meu coração.

LÍGIA — Você me expulsa?

PAULO — Olha.

LÍGIA (*exaltada*) — Você me expulsa da minha casa? Ou você se esquece que papai deu o apartamento aos dois casais e queria que nós morássemos lá?

PAULO — Você não quer me ouvir!

LÍGIA — Posso te fazer uma pergunta?

PAULO — É melhor não fazer perguntas.

LÍGIA — Mas vou fazer assim mesmo. Não desvia o rosto, olha para mim.

PAULO — Estou olhando.

LÍGIA — O que é que eu sou para você? O que é que eu represento? Você tem coragem, fala, de responder?

PAULO — Te amo.

LÍGIA — Só mais uma perguntinha. De quem é que você gosta mais? De mim ou de Guida?

PAULO — Te amo.

LÍGIA — Então, não precisa responder à segunda pergunta.

(Lígia apanha a mão de Paulo e a beija.)

PAULO — Eu fico pensando. Ela entrando no teu quarto e te matando. Ou a mim. Agora, eu não quero morrer. Quero você viva. Tive um momento em que ia te chamar para morrer comigo. Você teria coragem de morrer comigo?

LÍGIA — Meu anjo, eu morreria mil vezes contigo. Mas se alguém tem de morrer, você sabe quem é? É Guida e não eu.

PAULO — Não diga o nome. Diga *ela*.

LÍGIA — Todos os dias eu sonho que ela te mata.

PAULO — Não fala assim.

LÍGIA — Mas se eu sonho? (*Mais enfurecida*) Na última vez, éramos eu e você os assassinados. Depois, eu assassinava Guida.

PAULO — Não diz o nome!

LÍGIA — Acordei assassina. (*Sofrida*) Estão olhando. Sabe o que me assombra? Eu olho da janela do meu quarto e penso: — Estou num décimo segundo andar. Era só me deixar cair. Por que só penso em morte? Morrer sozinha, não. Sozinha eu não quero morrer.

PAULO — Meu bem, vamos embora.

LÍGIA (*atônita*) — Você vai me deixar?

PAULO (*desesperado*) — Te deixo porque tenho que te deixar.

LÍGIA — Não, não quero, não admito. Eu quero ser amada. Meu bem, escuta. Você me responde?

PAULO — Tenho medo de tuas perguntas.

LÍGIA — Não é nada demais. É o seguinte: — vocês têm se amado muito?

PAULO — Nunca mais. Não consigo desejar Guida.

(Novamente, ela beija a mão de Paulo.)

LÍGIA — Quero tanto ser tua outra vez. Pode fazer tudo. Até aquilo eu te deixo fazer.

PAULO — Vem cá. Vamos ali.

LÍGIA — Vamos fazer em pé? Eu até gostaria.

PAULO — Na mata. É bom amar com gente passando. E pode aparecer um assaltante. Não tens medo?

(Lígia está em pé, colada a Paulo.)

LÍGIA — Não tenho medo.

PAULO — Pois eu tenho medo.

LÍGIA — Deixa que todos venham, que parem, que olhem.

(Entra Paulo. Guida vestida está na cama. Guida senta-se. Paulo a beija na testa.)

GUIDA — Agora você me beija na testa?

PAULO — Não reclama de tudo, meu coração.

GUIDA — Ao sair, ao voltar, você sempre me beijou na boca.

PAULO — Meu bem, vem cá.

GUIDA — Não aceito o beijo que tive de pedir. E olha (*começa a chorar*). Onde é que vocês se encontraram? Foi no Alto da Boa Vista, ouvindo a cascatinha? Mas olha. Não é com você que eu quero falar. É com essa que está aí fora, deixando passar o tempo, para entrar.

PAULO — Vamos jantar fora. Quer?

GUIDA (*desesperada*) — Estou esperando a *tua* mulher, a mulher que eu deixei de ser.

PAULO — Não diga que Lígia é minha mulher.

GUIDA (*frenética*) — Tua mulher, sim! Eu não sou nada! Sabe o que eu sou? Sou tua cunhada!

PAULO (*desatinado*) — Pára Guida, pára!

(Pausa.)

GUIDA — Lígia entrou.

(Guida passa para o quarto da irmã. Lígia está de costas para Guida.)

GUIDA — Bom passeio?

LÍGIA — Estou tão cansada.

GUIDA — Eu te disse: — Pode sair. Não tenho nada com os seus programas. E você saiu. Você telefonou marcando o encontro e foi com o meu marido. Sabe onde? No Alto da Boa Vista.

LÍGIA — Vamos conversar amanhã?

GUIDA (*violenta*) — Agora! Eu sei que vocês não conversaram, apenas. Conheço meu marido, minha irmã não conheço, mas meu marido, conheço. Também te conheço pelos gritos. Hoje,

na hora do amor, ele te levou por um atalhozinho. E te perguntou, não te perguntou? "E se aparecesse um assaltante, ou dois, ou três assaltantes? Se eles te vissem nua? E se um deles me apontasse o revólver, tu dirias: — 'Não reage para não morrer'. Depois, os bandidos fugiriam. Vejo você desmaiada. E se eu te possuísse também, depois dos outros?" Agora, responde: — foi assim que ele te falou? Vai dizer?

LÍGIA — Não digo.

GUIDA — Ou preferes que eu te arranque os olhos? Foi assim que ele falou, ou não?

LÍGIA (*fora de si*) — Foi, foi!

(Paulo aparece na porta.)

PAULO (*para Lígia*) — Não confesse nada!

GUIDA (*num berro*) — Já confessou. Diz a ele que já confessaste!

LÍGIA (*enfurecida*) — Não confessei nada! É mentira!

PAULO (*arquejante*) — Ninguém confessou nada! Ela nega!

GUIDA (*para ele*) — É uma puta!

PAULO — Agora chegou! Vamos embora!

GUIDA (*soluçando*) — Cínica! Cínica!

PAULO — Vem, meu amor!

(Saem Paulo e Guida. Aparecem no quarto.)

GUIDA — Ainda me chama de meu amor!

PAULO — Senta aqui, comigo.

(Sentam-se na cama.)

PAULO — Olha para mim.

GUIDA — Estou olhando. (*Impulsivamente*) Gostas de mim?

PAULO — Ou duvidas?

GUIDA (*soluçando*) — Duvido.

PAULO — Não acredito na tua dúvida. E você, gosta de mim?

GUIDA — O meu amor não importa. Importa o teu.

(Guida agarra o marido com violência.)

GUIDA — Diz, agora, como se eu estivesse morrendo. Você me ama?

PAULO — Te amo. E teu amor por mim?

GUIDA — Não respondo!

PAULO — Eu é que não acredito no teu amor. Mentes para mim.

GUIDA — Você gosta de Lígia. (*Dolorosa.*) Mas te peço: — não minta. Gosta de mim?

PAULO — De ti, só de ti. Ou você não percebeu que só gosto de ti? Você disse que me matava quando eu estivesse dormindo, ou matava tua irmã. Você me mataria? Não responde, já, não. Confessa, então, uma coisa: — você me odiou?

GUIDA — Te odiei. Mas foi só um momento. Odiei quando Lígia gritou.

PAULO — Me dá um beijo?

(Os dois se beijam com loucura. Guida desprende-se.)

GUIDA — Foi assim que vocês se beijaram, hoje?

PAULO — Perdi você.

GUIDA (*vivamente*) — Perdão, meu bem. Eu não queria dizer isso, eu. Tua boca. Sopra no meu rosto. Outra vez o cheiro do sexo. Vocês estiveram juntos. Eu não acredito mais em você. (*Soluçando*) Tudo era mentira e continua sendo mentira. Olha para mim. Escuta. Queres que eu seja a mesma? E que esqueça Lígia? Você dirá o que eu quero ouvir?

PAULO — Direi o que você quer ouvir.

GUIDA — Responde: — vocês estiveram juntos?

PAULO — Ainda essa pergunta?

GUIDA — Eu sei! Escuta! Sei que vocês se encontraram! Ninguém tira isso de mim! Mas quero ouvir a tua confissão. Você mentiu?

PAULO — Menti.

GUIDA — Escuta, escuta! Você fez com a mulher de uma noite o que só podia fazer comigo. (*De frente para a platéia*) Você me disse: — "Só faço isso contigo e porque é contigo". Mentira, tudo mentira. Maldito esse beijo com gosto de sexo. E essa cínica do lado, ouvindo tudo, a cínica!

PAULO (*agarrando-a*) — Chega! Não querias a confissão? Te dei a confissão! E agora? Quer mais de mim o quê?

GUIDA — Quero te dizer o que precisavas ouvir. De hoje em diante, não dormiremos mais na mesma cama.

(Paulo se encaminha para a janela.)

GUIDA — O que é que você vai fazer?

PAULO — Olha.

(Num movimento ágil e elástico, Paulo senta-se no peitoril da janela.)

GUIDA — Não faça isso, Paulo!

PAULO — Vem cá. Fica atrás de mim.

(Guida obedece.)

PAULO — Assim. Eu estou solto, com as minhas mãos levantadas, sem nenhum apoio. Você disse que me mataria? Basta que me empurre com as duas mãos. Eu cairei e em três segundos estarei morto.

(Guida falando alto para Lígia ouvir.)

GUIDA — Eu não mataria você, nunca. Lígia, sim, Lígia eu mataria.

PAULO — Senta comigo.

(Ele ajuda Guida a sentar-se.)

PAULO — Eu te seguro. E agora? Tem medo?

GUIDA — Contigo, não tenho medo de nada.

PAULO (*abraçado à mulher*) — Hoje, vou te amar como nunca. Quero ver você gritar como Lígia.

GUIDA — Outra vez ela, sempre ela. Será assim, sempre assim, até minha morte. Morrerei ouvindo você dizer o nome de Lígia.

PAULO — Se fosse ela, não você. Ela sentada aqui, abraçada por mim. Eu devia empurrar?

GUIDA — Devia empurrar.

PAULO — E não te espantaria a morte de tua irmã?

GUIDA — Me tira daqui. Tenho medo.

(Paulo a solta e empurra. Grito de Guida. Lígia bate na porta. Ele vai abrir. Entra Lígia.)

LÍGIA (*desatinada*) — Que foi isso?

PAULO — Guida caiu.

LÍGIA — Foi você.

PAULO — Ou pensava que fosse quem?

LÍGIA — Nunca pensei que.

PAULO (*desesperado*) — Desce comigo. Temos que dizer que foi loucura — um acesso de loucura.

LÍGIA (*frenética*) — Mas eu tenho medo de não chorar!

PAULO — Não grita, pelo amor de Deus, não grita! Pensa na tua culpa e chora!

LÍGIA (*aos soluços*) — Eu sei que não vou chorar!

PAULO — Vem!

(Paulo quer segurá-la. Ela se desprende feroz.)

LÍGIA — Não me toque! Eu não sou culpada! Foi você que matou! Assassino!

(Lígia corre para a janela.)

LÍGIA — O assassino está aqui! É o meu cunhado! Assassino! Assassino! Assassino!

O Beijo no Asfalto

TRAGÉDIA CARIOCA EM TRÊS ATOS

(1961)